



FACULDADES MAGSUL

FERNANDA JÉSSICA ROCHA SIQUEIRA PALACIO

**INDISCIPLINA ESCOLAR: A PRÁTICA PEDAGÓGICA DO
PROFESSOR PODE AUXILIAR A REDUZIR A INDISCIPLINA.**

PONTA PORÃ
2015

FERNANDA JÉSSICA ROCHA SIQUEIRA PALACIO

**INDISCIPLINA ESCOLAR: A PRÁTICA PEDAGÓGICA DO
PROFESSOR PODE AUXILIAR A REDUZIR A INDISCIPLINA.**

Monografia apresentada à Banca Examinadora das Faculdades Magsul de Ponta Porã, como exigência parcial para a obtenção do título de licenciatura em Pedagogia, sob orientação da prof^a Esp. Lilian Garcia Mesquita Fiuza.

PONTA PORÃ
2015

FERNANDA JÉSSICA ROCHA SIQUEIRA PALACIO

INDISCIPLINA ESCOLAR: A PRÁTICA PEDAGÓGICA DO
PROFESSOR PODE AUXILIAR A REDUZIR A INDISCIPLINA.

Monografia apresentada à Banca Examinadora das Faculdades Magsul de Ponta Porã, como exigência parcial para a obtenção do título de licenciatura em Pedagogia, sob orientação da profª Esp. Lilian Garcia Mesquita Fiuza.

Banca Examinadora:

Orientadora: Profª Esp. Lilian Garcia Mesquita Fiuza
Instituição Faculdades Magsul

Membro: Profª Ma. Roseli Áurea Soares Sanches
Instituição Faculdades Magsul

Ponta Porã, 11 de dezembro de 2015.

Dedico este trabalho ao meu esposo pelo constante apoio e dedicação no decorrer do curso, aos meus irmãos e aos meus pais pela confiança em mim depositada. Uma vez que eles me ensinaram que o ser humano jamais atinge o seu objetivo sozinho.

Agradecimentos.

Agradeço primeiramente a Deus, pois reconheço que sem Ele nada sou, e pelas constantes vezes que me sustentou debaixo de sua Destra, fazendo me prevalecer.

Ao meu esposo Edson pela compreensão em momentos de ausência, além do constante apoio em momentos difíceis, àquele que deixou de viver a sua própria vida em prol de me auxiliar a chegar até aqui demonstrando sempre ser um marido maravilhoso.

A minha mãe Lídia, a minha grande fortaleza, a base da minha vida, ser humano maravilhoso, aquela que jamais mediu esforços para me fazer chegar aonde estou, e que embora muitos desacreditassem em meu potencial foi a que sempre manteve sua fé. Aquela que me adotou como sua filha e nunca demonstrou indiferença.

Ao meu pai o senhor Ovídeo, aquele que me ensinou a ser sempre o melhor do que eu posso ser.

A minha irmã Adelina e Nádia, que foram sempre o braço amigo em situações difíceis, aquelas que me colocaram de pé quando minhas forças já se esgotavam.

Aos meus irmãos Jose e Inácio, os homens da minha vida, que estiveram sempre atentos por um grito de socorro.

Não podendo deixar de lado as minhas irmãs Wilma, Idalina e Gladys, aquelas que em vários momentos exerceram o papel de segunda mãe, contribuindo assim para a minha formação, enquanto ser humano.

Aos meus sobrinhos Kléber, Kauan, Tatiane, Yago, Kevin, Alexandre, Matias, Wilhian, Daniel e ao meu eterno anjinho Raiane, aqueles que em vários momentos foram a minha alegria e a minha fortaleza.

A minha orientadora a professora Lilian pelo apoio e dedicação no decorrer da construção desde trabalho, mostrando-se uma excelente profissional.

Aos meus colegas de sala que percorreram comigo essa árdua jornada de quatro anos, em especial a Tatiane, pela sua alegria contagiante. A Rosicleia pelos sorrisos compartilhados, além do apoio que demonstrou todas as vezes que cheguei atrasada tirando um minuto de seu tempo para me explicar o conteúdo.

A Cyntia, que com o seu jeito “topetuda” de ser me ensinou o seu lema “mexeu com ela, mexeu comigo”.

E sem me esquecer da Andrea, anjo em forma de pessoa, aquela que inúmeras vezes tomou para si minhas dores ensinando-me o verdadeiro valor da amizade. Aquela que com seu jeito de “bicha chata” de ser mostrou-se estar sempre ali no decorrer de minha jornada, não medindo esforços para me estender a mão sempre que necessário.

A minha segunda família Dionísia, Sunilda, Silmara, Marcia e Mirian que me acolheram como membro da família Gonzáles Martinez.

E não podendo deixar de lado a minha gatinha Lilica, aquela que sempre esteve ali à espera de um cafuné.

Ainda que eu fale as línguas dos homens e dos anjos, se não tiver amor, serei como o bronze que soa ou como o címbalo que retine.

Ainda que eu tenha o dom de profetizar e conheça todos os mistérios e toda a ciência; ainda que eu tenha tamanha fé a ponto de transportar os montes, se não tiver amor, nada serei.

I Coríntios 13:1-2.

PALACIO, Fernanda Jéssica Rocha Siqueira. FIUZA, Lilian Garcia Mesquita.
Indisciplina Escolar: A prática pedagógica pode auxiliar a reduzir a indisciplina. 2015. Número total de folhas 46. Trabalho de conclusão de curso de Graduação em Pedagogia. Faculdades Magsul. Ponta Porã-MS.

RESUMO

O presente trabalho teve origem no decorrer da realização de estágios supervisionados em uma determinada escola da cidade de Ponta Porã a qual apresenta um alto nível de indisciplina, por parte dos alunos. Nesta perspectiva, indagou-se se mudanças na prática pedagógica poderia auxiliar a reduzir o inconveniente? Para constatar-se isso foi realizada uma pesquisa dividida em três etapas. Na primeira etapa realizaram-se estudos bibliográficos com autores estudiosos do tema, como Vasconcellos (1996:1995), Antunes (2002) e Gadotti (1984), entre outros. Seguindo já na segunda, etapa de uma pesquisa qualitativa do tipo estudo de caso, que possibilitou a observação direta da realidade de uma sala do quinto ano do ensino fundamental. Além da observação foram distribuídos questionários para o professor regente, coordenador pedagógico, e o diretor da escola. Constatou-se após um confronto entre as respostas adquiridas, a observação direta e os teóricos estudados que a prática pedagógica pode sim auxiliar a reduzir a indisciplina. No entanto, a escola onde se realizou a pesquisa apresenta uma defasagem na organização dos segmentos escolares, inconveniente esse que se reflete na prática pedagógica do professor, fazendo com que assim se apresentem casos numerosos de indisciplina.

Palavra-chave: Indisciplina escolar, Professor, Prática Pedagógica.

PALACIO, Fernanda Rocha Jéssica Siqueira. FIUZA , Mesquita Lilian García. **La disciplina escolar: La práctica pedagógica puede ayudar a reducir la indisciplina** . 2015 Número total de hojas 46. Pedagogía curso Trabajo de finalización de Pregrado . Faculdades Magsul . Ponta Porã – MS.

RESUMEN

Este trabajo se originó el transcurso de la realización de prácticas supervisadas en una escuela en particular en la ciudad de Ponta Pora, que presenta un alto nivel de indisciplina de los alumnos. En esta perspectiva nos preguntamos a ti mismo si los cambios en la práctica pedagógica podrían ayudar a reducir las molestias. Para una encuesta dividida en tres etapas que señalar que se realizó. En la primera etapa se llevó a cabo estudios bibliográficos académicos autores del tema, como Vasconcellos (1996: 1995), Antunes (2002) y Gadotti (1984). Siguiendo en la segunda etapa de un tipo de estudio de investigación cualitativo de caso, lo que permitió la observación directa de la realidad de una habitación del quinto año de la escuela primaria. Además de los cuestionarios de observación fueron distribuidos al profesor regente, coordinadora educativa, y el director de la escuela. Se encontró después de un enfrentamiento entre las respuestas del adquiridas, observación directa y estudiado la práctica pedagógica teórica de hecho puede ayudar a reducir la indisciplina, sin embargo, la escuela en la que se llevó a cabo la investigación muestra un retraso en la organización de los segmentos de la escuela. Inconveniente que refleja la práctica pedagógica del profesor causando así aparecer numerosos casos de indisciplina.

Palabra clave: la indisciplina escolar, Maestro, Práctica Docente.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ART	Artigo
CT	Conselho Tutelar
ECA	Estatuto da Criança e do Adolescente
IN	Prefixo derivado de latim
SED	Secretaria de Educação
USP	Universidade de São Paulo

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	12
2. INDISCIPLINA ESCOLAR	14
2.1 Definições de indisciplina	14
2.2 Causas e razões pela qual o problema vem se agravando no decorrer do tempo	15
2.3 A visão dos teóricos sobre a indisciplina.....	18
2.4 A indisciplina escolar na perspectiva do Estatuto da Criança e do Adolescente(ECA)	20
2.5 O papel do professor em relação à indisciplina escolar	22
2.6 O papel da família e sua relação com a indisciplina escolar	26
2.7 O papel da gestão escolar frente à indisciplina escolar	28
3. CAMINHOS, ANÁLISE QUALITATIVA E DISCUSSÃO DE DADOS	30
3.1 Metodologia	30
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS	38
5. REFERENCIAS	40
6. APÊNDICES	43

1 INTRODUÇÃO

Sabe-se que a questão da disciplina-indisciplina sempre foi um assunto recorrente na história da educação, e em cada momento apresentou interpretações e características distintas. Porém, na atualidade o tema mostra ganhar novos contornos uma vez que ela, segundo os profissionais da educação é a principal responsável pela falta de aprendizagem dos alunos, já que devido a esse problema muitos educadores não conseguem ministrar suas aulas, além de sofrerem diversas agressões dos próprios alunos, como se observa, frequentemente, em noticiários.

Embora existam peculiaridades encontradas no Brasil, infelizmente essa realidade não pertence simplesmente à educação brasileira, visto que podemos ver exemplos claros de indisciplina em outros países como é caso de gangues estudantis que realizam agressões aos professores na França, assim como inúmeras mortes em escolas norte-americanas fruto da violência por parte dos alunos.

Profissionais da educação a todo o momento relatam ser necessário que se estabeleçam mais limites aos alunos, os quais se sentem desamparados e, por consequência, desmotivados. No entanto se a falta de disciplina dos alunos dificulta o trabalho do professor, o seu excesso gera sérias consequências, como se nota, frequentemente, nos inúmeros suicídios realizados por estudantes japoneses e chineses que se sentem sufocados pela rígida disciplina a eles imposta. Surge então a dúvida se existem medidas certas a serem seguidas e quem a de fato cabe a principal responsabilidade por tamanho inconveniente?

Nesse sentido, o interesse pelo tema surgiu no decorrer da realização de estágio em uma determinada escola da região de Ponta Porã - MS, onde a indisciplina, por parte dos alunos, mostra-se gritante. Professores relatam ser necessário gastar no mínimo 15 minutos de suas aulas para organizarem a sala para então dar início ao seu conteúdo.

Além dessa realidade, notou-se também que as visitas dos alunos à coordenação pedagógica, por indisciplina, é constante uma vez que os professores, já exaustos, optam por pedir auxílio ao coordenador. Estes por sua vez vêm-se de mãos atadas, pois não encontra muitas alternativas a não ser aplicar advertências, e o acúmulo destas gera a expulsão do educando.

Nessa perspectiva surge então a indagação se mudanças na prática pedagógica do educador poderiam auxiliar a reduzir o problema, uma vez que teóricos como Paulo Freire (1996) diz-nos que o professor tem o poder de mudar a realidade de sua sala de aula através de sua prática pedagógica.

Para constatar se de fato isso é possível, foi realizada uma pesquisa em uma escola, situada na cidade de Ponta Porã. Para uma melhor organização, dividiu-se a pesquisa em três seções.

Na primeira seção foram realizados estudos bibliográficos, com autores estudiosos do tema, os quais possibilitaram a compreensão do significado da indisciplina, além de deixar claros os principais motivos e as suas consequências.

Na segunda seção, foi realizada uma observação direta do ambiente de sala de aula, a qual permitiu, de fato, a compreensão da realidade vivenciada. Os dados coletados foram anotados em um diário de bordo. Após a observação, distribuiu-se questionário referente ao tema em questão, para um coordenador pedagógico responsável pelo Ensino Fundamental I, para o diretor escolar e para o professor regente do quinto ano do Ensino Fundamental I.

Para encerrar a pesquisa e constatar se de fato a Prática pedagógica do professor pode auxiliar a reduzir a indisciplina na escola, na terceira e última seção foi finalizada com o confronto dos dados obtidos, a observação direta e os teóricos estudados.

Desse modo, esta pesquisa possui o intuito de comprovar que é de extrema importância que todos os segmentos de uma instituição de ensino trabalhem de forma conjunta para que de fato aconteça uma gestão democrática e participativa, em que todos assumam a responsabilidade no combate à indisciplina por parte dos alunos. Dando assim subsídios ao professor para realizar uma prática pedagógica, a qual terá o poder de transformar a realidade vivenciada.

2 INDISCIPLINA ESCOLAR

Nesta sessão será abordada a questão histórica da indisciplina, enfatizando suas principais causas dentro da escola, seguida de possíveis soluções apresentadas por estudiosos do tema.

2.1 Definições de indisciplina

Torna-se impossível abordar a indisciplina sem relatar, primeiramente, a disciplina, pois como relata Antunes, (2013) o significado de uma remete o da outra.

Se procurarmos o significado da palavra disciplina veremos que, em seu sentido etimológico, ele se associa á ideia de educar, instruir, aplicar e fundamentar princípios morais, e que seu antônimo – indisciplina – expressa desobediência, confusão ou negação da ordem. (ANTUNES, 2013 p. 1).

Dessa forma, podemos entender que o conceito de indisciplina está relacionado com o da disciplina, ou seja, o conceito de disciplina refere se á existência de regras que devem ser seguidas já o de indisciplina refere se a desobediência dessas regras. Assim como também deixa claro o dicionário de Aurélio, (2001) p. 597 “indisciplina é todo procedimento, ato contrario a disciplina”.

Para uma melhor compreensão podemos analisar a origem da palavra indisciplina, originada da palavra disciplina, no entanto possui o prefixo *in* derivado do latim que remete ao significado de negação e se opõe ao significado original da palavra.

Podemos perceber que o tema em questão tornou-se muito comentado na atualidade seja por teóricos, como também por professores, atuantes em escolas públicas e particulares, e não poderia ser diferente, pois o seu crescimento tem sido assustador por parte dos alunos. São frequentes os relatos de professores que dizem ser cada vez mais difícil lecionar por conta desse inconveniente.

Segundo uma pesquisa feita pela Revista Nova Escola (Ed. 29 agosto de 2014), os professores brasileiros passam 20% do tempo de sua aula, tentando organizar a sala e lidando com a bagunça dos alunos, enquanto a media internacional e de 13%.

Embora o tema abordado seja um problema que afeta a maioria das escolas brasileiras tanto a pública como a particular, ela possui causas e significados distintos que podem variar de professor para professor. O que muitas vezes é considerado para um professor como aluno indisciplinado para outro pode ser visto como algo positivo. Assim, percebe-se que a indisciplina varia de escola para escola, e no meio sociocultural em que ela está inserida.

Desse modo, cabe ao professor, juntamente com a instituição de ensino analisar o que de fato está acontecendo e se a situação ali vivenciada não passa apenas de uma falta de preparo do próprio professor. Como relata Antunes (2002), muitos educadores definem seus alunos como indisciplinados pelo simples fato de não fazerem silêncio absoluto dentro da sala de aula. Entretanto, é necessário reconhecer que o contato com o outro deve ser visto de forma positiva, uma vez que esse ato pode acarretar o surgimento de novas ideias.

2.2. Causas e razões pela qual o problema vem se agravando ao decorrer do tempo

Podemos perceber que no decorrer dos anos, a indisciplina, por parte dos alunos torna-se cada vez mais gritante. Embora essa realidade seja extremamente visível em escolas brasileiras, muitos profissionais da educação não conseguem entender por que o número de casos de indisciplina cresce a cada dia que passa, uma vez que a educação brasileira diz estar avançando para o futuro. Surge dessa forma a pergunta que não quer calar: Quais as principais causas desse problema, e como resolver? Ainda que essa pergunta pareça ter uma resposta simples, infelizmente não é dessa forma. Os pais acreditam serem os professores os principais responsáveis por esse inconveniente, relatam que os docentes se veem cada vez mais despreparados, embora do outro lado, os professores digam que os pais não impõem limites aos seus filhos, dentro de casa e isso acaba se refletindo dentro da escola.

As dificuldades estão em ambos os envolvidos reconhecerem que houve profundas mudanças, assim como preconiza o autor, a seguir:

[...] é preciso compreender que houve profundas mudanças na escola, na sociedade e nas suas relações. Parece difícil aos educadores darem se conta disso. O saudosismo ou o espírito de

acusação estão muito fortes no cotidiano da escola. Agredidos, procuram inconscientemente algum alvo onde possam descarregar suas mágoas, suas incompreensões (VASCONCELLOS1996, p. 231).

Sem dúvidas é extremamente visível que de fato houve mudança, uma vez que as instituições de ensino sentem que cada vez mais já não possuem o apoio todo que recebiam dos pais a um determinado tempo atrás, pois a mãe, que era responsável pela educação de seu filho e por acompanhar seu desempenho escolar conquistou sua independência e assumiu seu lugar no mercado de trabalho; dessa forma, a função que pertencia à família acaba sendo transferida para a escola, a qual não encontra apoio dos pais, uma vez que eles sentem-se obrigados a trabalhar mais e mais para poder comprar tudo o que a criança deseja, buscando assim suprir o tempo que não podem passar com seus filhos.

A mídia por sua vez percebeu essa grande mudança e a assumiu como estratégia de marketing, quanto mais interesse um determinado objeto despertar nas crianças, mais possibilidades de vendas haverá. O resultado disso são crianças e adolescentes cada vez mais consumistas, que não conhecem limites e que, infelizmente, acabam levando essa falta de limites para dentro da sala de aula.

Outro item que chama a atenção são os números de vagas no mercado de trabalho que gradativamente vêm diminuindo, já que a implantação da tecnologia e robótica nas indústrias ganha cada vez mais espaço, fazendo com que a mão de obra humana seja deixada de lado. Além do crescimento significativo de estudantes que concluem o segundo grau e passam a cursar uma universidade, após sua formação não encontram vagas para trabalhar, ou seja, devido a isso encontram-se mais alunos com ensino superior, porém cada vez mais desempregados ou trabalhando em áreas que não coincidem com as suas formações.

Apesar de que esse item pareça não estar relacionado diretamente com a indisciplina, presente nas escolas, isto pode ser considerado uma das principais causas da indisciplina uma vez que os alunos já não entendem por que estudar e, por consequência, os professores já não conseguem fazer uso da velha ilusão de que o estudo é a saída para uma vida melhor ou para a conquista da posição social tão almejada para fazer com que seus alunos mantenham a disciplina, dentro da instituição de ensino. Como cita Vasconcellos (1996):

Na escola, esta crise se manifesta de muitas formas, mas com certeza uma das mais difíceis de enfrentar é a absoluta falta de sentido para o estudo por parte dos alunos. A pergunta “estudar para que”, nos parece, nunca esteve tão forte na cabeça dos alunos como agora. A famosa resposta dada por séculos “estudar para ser alguém na vida” chega a provocar risos nos alunos, ante a clara constatação de inúmeras pessoas formadas, porém desempregadas ou muito mal remuneradas. (VASCONCELLOS, 1996, p. 231)

Dessa forma, percebemos que infelizmente pouco a pouco os alunos percebem que para ter o estilo de vida que tanto almejam não precisam necessariamente estudar, pois conhecem diariamente cantores de funk, sertanejos e até mesmo jogadores de futebol que ganham seus milhões sem sequer ter concluído o ensino fundamental, e passam assim a depositar ali seus objetivos para “ser alguém na vida”.

Tudo isso, está acontecendo exatamente no momento em que os professores brasileiros estão enfrentando lutas por melhores condições de salário. Além de não possuírem o apoio que necessitam e adquirirem responsabilidades as quais não lhes cabem, o professor se sente, sobretudo desvalorizado, pois reconhece a importância do seu papel na sociedade, porém se veem desmotivados já que para ter um salário digno, precisam trabalhar os três períodos, fazendo com que assim não sobre tempo para se capacitar e elaborar um planejamento criativo para os seus alunos. Isso tristemente resulta em aulas pouco interessantes e, por consequência, alunos com grande desinteresse e que acabam por serem entendidos como indisciplinados.

Apesar disso tudo, existe um item que se destaca muito como um dos principais motivos pelo qual surge a indisciplina em sala de aula, assim preconiza Rebelo (2002).

A indisciplina escolar está ligada á “concepção bancária de educação” praticada pela maioria desses novos professores, devido à má-formação, resistência às mudanças, inadequação da prática pedagógica, desenvolvida em sala de aula e escolas de conteúdos presentes num currículo distante da realidade da comunidade com a qual trabalha (REBELO, 2002 p, 15).

É necessário que os educadores entendam antes de tudo que a instituição de ensino na qual trabalham está inserida em uma comunidade muito heterogênea, a qual apresenta alunos oriundos de vários grupos sociais que possuem distintas origens socioculturais e, por consequência, apresentam dificuldades em se relacionar com os demais em sala de aula.

Surge dessa forma uma realidade comum entre os professores em formação ou aqueles que recentemente a adquiriram, pois instituições formadoras desses profissionais carecem de preparo para lidar com a diversidade presente em sala de aula. Possuem toda a teoria necessária para sua formação, no entanto ninguém os ensina a como lecionar em meio a tanta diversidade típica das escolas brasileiras, por decorrência, encontramos profissionais despreparados, que expõem isso em suas práticas pedagógicas as quais refletem-se assim na aprendizagem dos alunos que se sentem discriminados, adotando atitudes indisciplinadas.

Lamentavelmente são poucos os profissionais que possuem bagagem necessária para lidar com essa diversidade cultural, além de muitos que só irão adquirir tal bagagem no decorrer de sua profissão através de experiências vivenciadas ou caso haja interesse por parte do professor em optar pela formação continuada.

No entanto, a espera por esse acontecimento faz com que muitos alunos acabem sendo prejudicados pelo resto de suas vidas, pois é grande o número de professores que enxergam a capacitação como uma perda de tempo.

2.3 A visão dos teóricos sobre a indisciplina.

Muitos teóricos discutem sobre a questão da indisciplina seja por suas causas ou por suas consequências. Embora muitos possuam visões distintas, todos realizam suas pesquisas com o intuito de atingir o mesmo objetivo, apresentar propostas que possam sanar tal inconveniente. Dentre esses teóricos podemos citar: Celso Antunes (2002) Mestre em Ciências Humanas pela Universidade de São Paulo (USP); especialista em Inteligência Cognição pela mesma. O qual relata a importância do professor em reconhecer-se com um dos agentes causadores da indisciplina dentro da sala de aula, para que possam dessa forma buscar meios que o auxiliem a atingir mudanças em sua postura e em sua prática pedagógica.

Em uma perspectiva não muito diferenciada está Maria Teresa Estrela (1994) Pedagoga e Doutora em Ciências da Educação pela Universidade de Caen, a qual preconiza a importância do ato pedagógico como principal arma para o combate a

indisciplina. Em sua linha de pensamento busca possibilitar que os profissionais da educação reflitam sobre a situação vivenciada, além de frisar objetivos para a superação deste inconveniente.

Outro teórico que nos chama a atenção pelo seu ponto de vista é Içami Tiba (1996), o qual assume carreira profissional como psiquiatra, psicodramatista, e psicoterapeuta de jovens. Tiba (1996) defende a importância do trabalho interligado entre escola e família. Relata que devido à ausência que os pais têm apresentado na vida de seus filhos, por motivos de trabalho, esses pais possuem cada vez mais dificuldades em negar algo quando seus filhos pedem, pois, acreditam em que disponibilizando tudo o que as crianças desejam estarão suprimindo a sua falta dentro de casa, isso gera crianças que não conhecem limites e adotam o mesmo comportamento dentro de sala de aula.

Desse modo, o autor relata que os pais precisam reconhecer que embora enxerguem nessa atitude um meio para suprir a sua ausência é de extrema importância que seus filhos entendam que existem regras e elas precisam ser seguidas para um bom convívio em sociedade.

Em uma visão não muito distinta ao tema está Celso dos Santos Vasconcellos (1996) Doutor em Didática pela USP, Filósofo e Pedagogo, que além de focar na ausência dos pais como um dos principais motivos para o crescente número de indisciplina, lista inúmeras consequências desse inconveniente, dentre elas é a falta de motivação dos professores que se sentem desamparados pelos pais, pois esses cada vez menos se mostram presentes na vida escolar de seus filhos, e quando são acionados pela escola, desconhecem formas que auxiliem a mudar tal realidade fazendo com que assim o professor assuma a total responsabilidade de educar crianças que trazem consigo a falta de limites.

Segundo esse mesmo autor, outra consequência da indisciplina, podendo ser considerada a mais grave, são os inúmeros casos de agressão, sofrida pelos professores por parte dos alunos, que vêm acarretando o abandono do magistério descreditando em uma educação melhor, além do receio de perder a vida.

Na sequência, segue Rosana Aparecia Argento Rebelo (2002) Pedagoga e Mestre em educação pela Universidade Católica de São Paulo, que defende a ideia em sua pesquisa de que se pode destacar o meio social como uma das principais causas da indisciplina, uma vez que as instituições de ensino, inseridas em

comunidades carentes possuem pouco auxílio financeiro dos governantes, atitude essa que se reflete em uma baixa qualidade de ensino.

Outra visão defendida pela autora é a falta de preparo devido à má-formação que os professores possuem para lidar com a realidade com a qual se deparam, além da resistência que esses profissionais apresentam em adaptar suas práticas pedagógicas a tal realidade. Devido a esses atos seus alunos não possuem uma aprendizagem que lhes seja significativa adotando assim comportamentos indisciplinados pela falta de interesse no conteúdo.

2.4. A indisciplina escolar na perspectiva do Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA).

O Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) foi criado em 13 de junho de 1990 com o intuito de auxiliar na formação cognitiva e social de crianças e adolescentes, além de zelar pelo cuidado desses indivíduos, assegurando que todos os direitos e deveres lhes sejam cumpridos, assim como deixa claro em seu Art. 1 “Esta lei dispõe sobre a proteção integral a criança e adolescente. Art. 2 Considera-se criança, para os efeitos desta lei, a pessoa até doze anos de idade incompletos, e adolescente aquela entre doze e dezoito anos de idade” (BRASIL 2000 p, 11).

Para ter a certeza de que isso de fato ocorra, o Estatuto da Criança e do Adolescente que será citado apenas com ECA criou o Conselho Tutelar (CT) como cita em seu Art. 131.

O conselho tutelar é o órgão permanente e autônomo, não jurisdicional, encarregado pela sociedade de zelar pelo cumprimento dos direitos da criança e do adolescente, definidos nesta lei. Art. 132. Em cada Município haverá, no mínimo, um Conselho Tutelar composto de cinco membros, escolhidos pela comunidade local para mandato de três anos, permitida uma recondução (BRASIL, 2000 p, 37).

Dessa forma, o Conselho Tutelar é órgão responsável por estar em constante contato com os pais sejam eles adotivos ou não e com as crianças e adolescentes assegurando-se de que ninguém os prive de seus direitos e deveres. Como deixa claro o Artigo 136.

Art. 136. São atribuições do Conselho Tutelar. ((III – promover a execução de suas decisões, podendo para tanto: a) Requisitar serviços públicos nas áreas de saúde, educação, serviço social, previdência, trabalho e segurança; b) Representar junto à autoridade judiciária nos casos de descumprimento injustificado de suas deliberações; IV – encaminhar ao Ministério Público notícia de fato que constitua infração administrativa ou penal contra os direitos da criança ou do adolescente (BRASIL, 2000, p, 38).

Embora o ECA tenha sido criado com o intuito de auxiliar na formação intelectual e social da criança e do adolescente, muitos profissionais da educação vêm questionando tal lei, relatando que ela vem exercendo um papel totalmente inverso ao que deseja, pois, segundo eles, ela só aumenta a indisciplina em sala de aula, retirando o pouco de autoridade que eles ainda possuem. Como relata Silva e Perez (2005), os educadores brasileiros afirmam estarem desautorizados a tomar medidas que possam auxiliar a manter a disciplina em sala de aula, pois acreditam que qualquer atitude que seja tomada para reduzir a indisciplina seja motivo para que o Conselho tutelar se incomode.

De uma maneira geral, percebe-se que os profissionais da educação que deveriam ser os primeiros a apoiar o ECA são os que mais criticam, isso se dá pelo fato de não conhecerem de forma correta tal lei e, por consequência, não compreendem que a mesma frisa a proteção e o cuidado desses indivíduos, pois foi criada com esse intuito. Em momento algum, o Estatuto traz em seus artigos ou código referências que privilegiem as crianças e os adolescentes, apenas busca garantir que os seus direitos de cidadão em formação sejam plenamente garantidos.

Quando se fala em alunos indisciplinados refere-se ao educando que, embora possua condutas incorretas dentro de sala de aula, não realiza ações que possam se caracterizar como crimes ou contravenção penal. Mas para que fique claro que assim como o Estatuto frisa a proteção, ele traz também em seus artigos, punições adequadas para esses indivíduos. Como se pode constatar:

Art. 112. Verificando a prática de ato infracional, a autoridade competente poderá aplicar ao adolescente as seguintes medidas: I – advertência; II – obrigação de reparar o dano; III – prestação de serviços à comunidade; IV – liberdade assistida; V – inserção de regime de semiliberdade. [...] Parágrafo único – A advertência poderá ser aplicada sempre que houver prova da materialidade e indícios suficientes da autoria (BRASIL, 2000, p. 32)

Sendo assim, pode-se compreender que o Estatuto foi elaborado de forma correta sem intenções de dar vantagens a qualquer indivíduo. O legislador possuiu cautela ao elaborar os direitos e deveres da criança e do adolescente, pois esses indivíduos não poderão ter punições conforme uma pessoa adulta recebe, por possuir idade inferior a 18 anos, o que mostra que seu intelecto ainda permanece em estado de formação.

Cabe dessa forma aos professores repensarem a sua postura, enquanto educadores, concluindo que antes de criticar tal lei devem buscar primeiramente conhecê-la a fundo, pois além de ser o seu papel, enquanto profissional da educação, eles poderão utilizar a lei, de forma positiva, em suas aulas.

2.5 O papel do professor em relação à indisciplina escolar

[...] é impossível desconhecer que sem professor não se faz escola e, conseqüentemente, é fundamental aprofundar estudos sobre ele. Ainda mais quando, a partir da leitura da realidade, percebe-se que as relações de poder permeiam o papel do professor e são, ao mesmo tempo, causa e consequência da realidade escolar (CUNHA, 1999, p. 27).

Antes de dar-se início a este tópico é preciso antes de tudo esclarecer por que a escolha do professor no combate a indisciplina, pois assim como relata Cunha (1999) o professor é peça fundamental em uma escola. Ele é o responsável por lecionar saberes matemáticos e gramaticais, além de ser o grande responsável pela formação crítica dos seus alunos. Dessa forma, torna-se evidente que ele pode ser considerado um dos principais agentes causadores da indisciplina, uma vez que suas atitudes, enquanto profissional, irão refletir na realidade da sua sala de aula.

Embora esse fato seja verídico, muitos professores não se reconhecem como um dos principais culpados pela indisciplina de seus alunos e a reconhecem como um dos grandes obstáculos para o processo de ensino-aprendizagem. Uma vez que se vê obrigado a dar pausas em sua aula, sempre que preciso, para chamar a atenção de alunos que realizam atitude inoportuna, dificultando assim a compreensão do conteúdo por alunos que possuem dificuldade e os que se distraem facilmente.

Infelizmente compreender que a indisciplina é algo prejudicial para o processo de ensino aprendizagem não basta é preciso agir, no entanto muitos professores

desconhecem como fazer isso, pois o educador sempre esteve acostumado a cumprir ordem, foram ensinados a aceitar todos os tipos de cronogramas prontos e intactos, enviados pela Secretária de Educação (SED). Ficando a coordenação pedagógica encarregada de assegurar-se de que tudo está sendo seguido de forma correta. Assim como relata Gadotti (1984)

[...] Nós, educadores aceitamos muito submissos às reformas, talvez porque estamos confundindo educação com obediência. Nossa pedagogia parece formar pedagogos obedientes, servis. (GADOTTI, 1984, p.55)

Devido a essa prática, lamentavelmente quando surgem problemas como a indisciplina, o professor desconhece o que fazer, simplesmente espera que novamente a SED se prontifique em mandar projetos com o intuito de solucionar tal problema.

Outro erro grave cometido por muitos educadores da rede pública, é acreditar que a solução para esse problema possa estar em apenas uma alternativa, como é caso da tecnologia, acredita que a implantação desta em sua prática pedagógica pode acarretar mudanças. No entanto, não levam em conta os casos de escolas particulares que possuem a informática inserida em seu cotidiano e que também apresentam casos de indisciplina. Nesse contexto, entende-se que não basta simplesmente introduzir a tecnologia se ela não estiver ligada a todo um projeto.

Um dos pontos que podemos considerar como um dos principais problemas em relação à postura do professor é a dificuldade que ele apresenta em reconhecer a sua responsabilidade frente à indisciplina, e quando logra reconhecer acredita não ter capacidade para resolver tal problema. Assim confirma Vasconcellos (1996) .

É impressionante como o professor acabou assimilando a ideia de que não tem forças, de que não pode, de que a solução dos problemas está fora dele. [...] no fundo acha que não pode, não tem forças para mudar. Quando questionado sobre os problemas, vai logo apontando: “É a família”, “ É o sistema” (VASCONCELLOS, 1996, p.236)

Isso ocorre pelo fato dos professores sentirem-se desgastados, não encontrarem formas corretas de como lecionar, não compreendem que com o surgimento da globalização esta trouxe consigo os avanços da tecnologia, e que crianças e adolescentes são bombardeados a todo momento de informações,

fazendo com que assim o seu interesse por coisas novas aumente gradativamente. Dessa forma, o educador não percebendo isso, adquire para si dificuldades em lecionar, acreditando que seu papel se resume em transmitir conhecimento e não o de mediar. Insistem em seguir lecionando como foram ensinados e como sempre fizeram. Segundo Estrela (1994) esse problema tem uma raiz antiga, pois os professores possuem heranças do Magistrocentrismo, o qual os torna resistentes a mudanças e os faz demonstrar serem eles os únicos donos do verdadeiro saber, levando seus alunos a aceitarem tudo o que é transmitido por eles, limitando possibilidades de comunicação, atitude que cria assim uma falsa comunicação entre professor e aluno.

O educando por sua vez não adquire para si uma aprendizagem significativa e se torna um mero receptor de informações, no entanto, anseiam por novidades, aulas monótonas vêm gerando desinteresse pelo conteúdo, o professor sem reconhecer o seu erro, opta utilizar de sua autoridade, a qual só aumenta a indisciplina de seus alunos.

Embora o professor possua sua parcela de culpa, não se pode esquecer que o mesmo é fruto de uma sociedade que desde muito tempo desvaloriza a educação e o seus profissionais. Muitos dos atuais educadores não tinham como objetivo se tornarem professores, simplesmente optaram por tal Faculdade por motivos financeiros ou com o intuito de futuramente cursar a Faculdade almejada. Como cita Gadotti (1984).

[...] sempre foi notório a passividade das nossas Faculdades de Educação, a sua submissão ao “Sistema”. Em vez de estar na frente do desenvolvimento da Universidade, o curso para formação do especialista em educação está frequentemente na “rabeira”, servindo de trampolim para outros cursos. [...] (GADOTTI, 1984, p. 55).

Infelizmente no Brasil a educação sempre foi deixada de lado, esquecida como a principal agente de transformação e, com ela, o professor. No entanto, por trás desse esquecimento existe toda uma estratégia, pois a classe dominante percebe a importância que a educação apresenta para a formação de uma sociedade crítica. Compreendem de forma clara que sem investimento a Educação brasileira irá formar cidadão com um conhecimento deficitário e, por consequência, pessoas de fácil domínio.

É extremamente urgente que o professor reconheça a importância de sua profissão para transformação da realidade. Se o profissional da educação está insatisfeito com a sua remuneração e falta de reconhecimento para com o seu trabalho, ele precisa compreender que em suas mãos está a arma mais poderosa para mudar isso, a sua prática pedagógica. Entender que sua prática não se resume em transmitir aos alunos tudo aquilo que lhe é passado, fórmulas de matemática, sequência gramatical, dando a entender assim que os alunos não passam de um depósito de informações, a mudança nesse prisma será um grande passo.

É preciso que, sobretudo ele desperte em seus alunos a capacidade de refletir. Como preconiza Libâneo (2007).

O que está em questão, portanto é uma formação que ajude o aluno a transformar-se num sujeito pensante, de modo que aprenda a utilizar seu potencial de pensamentos por meios cognitivos de construção e reconstrução de conceitos, habilidades, atitudes, valores. [...] mediante a condução pedagógica do professor que disporá de práticas de ensino intencionais e sistemática de promover o “ensinar a aprender a pensar” (LIBANEO, 2007, p. 13)

Aderindo a esse método em sua prática pedagógica o professor estará incentivando seus alunos a se tornarem cada vez mais críticos, além de possibilitar que aconteça entre eles uma aprendizagem significativa, devido ao fato dos educandos estarem levando o seu cotidiano para dentro da sala. Dessa forma, o professor irá notar que a indisciplina que se dava pela falta de interesse dos alunos, nas aulas, irá gradativamente reduzir, uma vez que a sala de aula já não será vista como um lugar cheio de regras onde o silêncio sepulcral deve sempre permanecer.

Segundo Vasconcelos (1996) é preciso que o professor assuma o comprometimento com a sua profissão e que se resgate como o principal sujeito de transformação, deixando de lado o pensamento de que tudo deve vir pronto com um manual de instruções. Entender que sua profissão não se resume em cumprir normas faz com que o professor passe a exercer o seu verdadeiro papel, o de transformador.

Outro ponto que favorece o professor no combate à indisciplina é a criação de regras, no entanto, o educador deve deixar claro o objetivo delas, para que tal regra possa de fato fazer sentido. Aderir à participação do aluno na criação destas regras é um ponto fundamental, como cita Estrela (1994).

A manutenção da disciplina não exclui as sanções, mas a criança submete-se a elas mais facilmente, porquanto contribuiu para a elaboração das regras e se sente responsável pela sua preservação. [...] propósito da educação das crianças com insuficiência mentais, é a sua função organizar um disciplina de confiança favorecida pela atribuição de responsabilidades, pela escolha das ocupações e pela colaboração ativa das crianças no trabalho da sala de aula e fora dela [...]. (ESTRELA, 1994, p. 19).

Assim torna-se claro que o educando entenderá de fato os motivos e os benefícios que as regras possuem, deixando de lado a desordem praticada por eles, uma vez que estarão ocupados em atividades que respondem as suas possibilidades e aos seus desejos.

Além dessa atitude, o professor deve demonstrar aos seus alunos simpatia, aprendendo a amar aquilo que faz, embora todos os motivos momentâneos de sua profissão o incentive a odiar e desistir de sua carreira.

Descobrir que por trás de cada aluno existem histórias brilhantes com um enorme anseio de serem compartilhadas irá tornar a profissão Professor algo magnífico. O profissional da educação jamais deve perder a sua essência de ser o responsável por demonstrar que ainda existe esperança para um mundo melhor e que sonhar faz com que o ser humano se lembre de que isso é a única coisa que os difere dos demais seres vivos. Esse grande aprendizado, deixado pelo professor aos seus alunos, será o que indivíduo algum jamais arrancará deles.

O profissional da educação deve compreender que essa atitude será de grande valia para sua profissão, pois estará fazendo com que seus alunos o reconheçam como o grande profissional que é.

2.6 O papel da família e sua relação com a indisciplina escolar

Não é em vão que a família é considerada com um dos principais segmentos da sociedade, ela é responsável por ser a primeira em educar a criança, transmitindo os valores, cultura e ensinando a ética. Como relata Tiba (1996). É dentro de casa, na socialização familiar, que um filho adquire, aprende e absorve a disciplina para, num futuro próximo, ter saúde social.

No entanto como já citado, anteriormente cada vez mais a família tem se tornando ausente na educação das crianças, fazendo com que assim a escola assuma toda a responsabilidade de educá-las. No entanto, a instituição de ensino

tem apresentado muitas dificuldades, pois a família que possui o dever de acompanhar a educação escolar de seus filhos, a cada dia que passa não encontra tempo disponível para isso. Veem-se reféns de uma sociedade capitalista que os obriga a trabalhar mais e mais, pois é necessário estar sempre comprando, deixando de lado assim o seu papel de educador.

A escola por sua vez, vê-se de mãos atadas, quando solicitada a presença dos pais em reuniões pedagógicas, dificilmente comparecem, e quando comparecem criticam as notas, relatando que os professores não sabem lecionar.

Mas de fato qual é a relação que a família tem com os números elevados de indisciplina em sala de aula? Pode não parecer, mas assim como a prática pedagógica, a família é uma das principais formadoras de atitudes indisciplinadas, uma vez que para suprir a ausência que deixa em seus filhos pelas muitas horas trabalhadas, atendem a todos os desejos deles. Não possuem forças para dizer o “não” sempre que necessário, temem que seus filhos tornem-se crianças frustradas, as quais, por sua vez ao invés de frustradas tornam-se crianças que não conhecem limites, refletindo essa atitude em sala de aula.

Outro item causador de indisciplina que envolve os pais é a desestrutura familiar, como relata (SOUZA, 2012, p. 9).

[...] O trauma do divórcio pode afetar seu desempenho na escola. Os filhos de pais divorciados geralmente diminuem seu aproveitamento escolar. A falta de estrutura em casa e as preocupações com a insegurança financeira resultam em uma instabilidade emocional que leva a problemas em sala de aula.

Nesse contexto, percebemos a influência que a desestrutura familiar pode ter para comportamentos indisciplinados dentro da sala de aula. Dessa forma, cabe ao professor manter o seu olhar atento para casos como esses e, juntamente com a direção, acionar os pais para que seja providenciado o encaminhamento a psicólogos. A família, por sua vez, deve reassumir o papel que lhe diz respeito, pois é direito da criança e do adolescente receber educação no seio de sua família como relata o Art., 19 do ECA:

Toda criança ou adolescente tem direito a ser criado e educado no seio da sua família e, excepcionalmente, em família substituta, assegurando a convivência familiar substituta, assegurada a convivência familiar e comunitária [...] (BRASIL, 2000, p. 14).

Nessa perspectiva, fica claro que a família tem de fato o dever de educar seus filhos, essa educação, a qual nos referimos, é a de ensinar princípios éticos e morais para que a criança saiba conviver harmoniosamente dentro da sociedade. Dessa forma, o professor que, anteriormente questionava o ECA por não possuir o apoio necessário, encontra respaldo legal a partir do conhecimento de tal lei. No entanto, ele não deve acionar a família do educando sempre que o educando apresentar dificuldades em compreender determinados conteúdos, pois a família irá desconhecer como auxiliar o filho, neste caso, o professor precisa refletir sobre a sua forma de lecionar e buscar métodos que possam auxiliar na aprendizagem do aluno.

O mesmo Estatuto relata em seu Art. 53 que os pais devem ter ciência do processo pedagógico, pois possuem esse direito, além de participar da elaboração de propostas educacionais da escola. A família é a principal responsável por garantir que a criança esteja frequentando a escola. Nessa mesma perspectiva Silva e Perez (2008) afirmam que:

Para garantir a educação integral das crianças e dos adolescentes, o Poder Público, em parceria com a família, tem a responsabilidade de cuidar da frequência escolar da criança e do adolescente, porém, a obrigação maior deste controle é da família [...] (SILVA e PEREZ, 2008, p, 7).

Cabe assim aos pais a obrigação de estarem informados de seus deveres perante a educação de seus filhos, e reconhecerem que o trabalho da escola juntamente com a família acarreta aprendizagens significativas, além de detectarem dificuldades de aprendizagens em seus filhos. Uma vez que em constante contato com o professor, os pais estarão promovendo o diálogo entre ambos, facilitando assim que o professor esteja sempre ciente da vida de seus alunos, o que o auxiliará no processo de ensino aprendizagem.

2.7 O papel da gestão escolar frente à indisciplina escolar

Composta por Diretor, Diretor Adjunto e Coordenadores Pedagógicos a gestão escolar possui um papel fundamental no combate à indisciplina, os integrantes da instituição devem assumir um nível de comprometimento com o problema, buscando, primeiramente, identificar suas principais causas no intuito de

saná-las, uma vez que, ter conhecimento pedagógico é um dos principais deveres dos gestores, assim como deixa claro Libâneo (2013 p. 95). “[...] o diretor de escola é o responsável pelo funcionamento administrativo e pedagógico, portanto necessita de conhecimentos tanto administrativos quanto pedagógicos.”

Dessa forma, fica claro que o diretor deve possuir conhecimento e formação apropriada para exercer tal função, além de buscar constantemente se capacitar. O Diretor adjunto exerce um papel não menos importante que é o de auxiliar o Diretor em suas práticas, assim deve também capacitar-se.

O coordenador pedagógico, por sua vez, tem o papel de prestar assistência ao professor no que diz respeito à prática pedagógica, como preconiza Libâneo (2013):

A coordenação pedagógica tem como principal atribuição à assistência pedagógico-didática aos professores [...] acompanhar e supervisionar suas atividades tais como: desenvolvimento dos planos de ensino, adequação de conteúdos, desenvolvimento de competências metodológicas, práticas avaliativas, gestão da classe, orientação da aprendizagem, diagnósticos de dificuldades etc. (LIBÂNEO, 2013, p. 180, 181)

Assim sendo, compreende-se que o professor possui o direito de receber auxílio seja ele do Diretor como de seus coordenadores pedagógicos, acionar esses segmentos sempre que encontrar dificuldade faz com que o professor ganhe novos olhares sobre o problema da indisciplina e o auxílio na sua redução.

Outra função de extrema importância que tange aos gestores escolares é estar em constante contato com os pais de seus alunos, promovendo reuniões com eles sempre que a instituição acredite ser necessário.

Promover a formação continuada dos professores atuantes é papel desse segmento, uma vez que se reconhece a escola como o principal ponto de cruzamento de culturas. Nessa perspectiva o educador deve estar capacitado para lecionar dentro de uma sala de aula onde recebe diariamente alunos oriundos de vários meios socioculturais, compreendendo que a falta de capacitação pode acarretar sérios problemas. Como afirma Pereira (2009).

De modo geral, uma formação deficitária interferirá na ação do professor, levando-o a (re) produzir no cotidiano escolar práticas preconceituosas, discriminatórias, contrárias à premissa da integração-inclusão (PEREIRA, 2009, p. 117).

Essas práticas por sua vez fazem com que o aluno sinta-se excluído, discriminado e sem a compreensão necessária, sentimentos esses que podem prejudicar na aprendizagem, além de fazer com que o educando adquira comportamentos indisciplinados.

Nesse contexto, o gestor precisa compreender que o seu papel vai muito além de lidar com a parte legislativa da escola, embora seja um papel fundamental para um bom funcionamento dela. Ele deve, sobretudo, exercer o papel de braço direito do professor, auxiliando-o a buscar métodos que sejam de grande valia no combate à indisciplina. Pois, assim como relata Vasconcellos (1995) não existe segmento mais importante que o outro dentro de uma instituição de ensino, e sim, de fato torna-se o mais importante aquele que se prontifica em assumir o compromisso, em realizar a transformação para uma educação melhor.

3 CAMINHOS, ANÁLISE QUALITATIVA E DISCUSSÃO DE DADOS

3.1 Metodologia

Para dar-se início à pesquisa foi realizada antes de tudo uma pesquisa bibliográfica, que segundo (GIL, 2002), é a mais utilizada em estudos exploratórios e descritivos, pois possibilita as rápidas obtenções de informações necessárias, além de disponibilizar referências remissivas que auxiliam numa melhor compreensão do tema em questão. Essas leituras, por sua vez possibilitaram a pesquisadora uma reflexão sobre as principais causas da indisciplina escolar, além de possibilitar que ela adquirisse conhecimentos sobre medidas preventivas.

Na segunda etapa foi realizado um estudo de caso que segundo Ludke e André, (2007, p. 19). [...] “Buscam retratar a realidade de forma completa e profunda”. Dessa forma o estudo de caso auxilia na compreensão da realidade observada, dando ênfase à interpretação do contexto, além de possibilitar uma linguagem acessível e clara ao pesquisador. O tipo de estudo de caso realizado classifica-se como pesquisa qualitativa, que segundo os mesmos autores, proporciona o contato direto do pesquisador com as informações necessárias. Por

se tratar de uma pesquisa sobre indisciplina escolar, a pesquisa qualitativa possibilitou à pesquisadora que presenciasse que de fato existem casos de indisciplina na instituição pesquisada.

Posteriormente as observações, foram realizadas por meio da pesquisa de campo, aplicou-se um questionário com 7 (sete) questões referente à indisciplina na escola e às suas principais medidas preventivas, solicitando que tais perguntas fossem respondidas por três profissionais da escola: o professor regente do quinto ano do ensino fundamental, o coordenador pedagógico responsável pelo ensino fundamental I e, por último, o Diretor da escola. As questões foram distribuídas com o intuito de após serem respondidas, realizar-se um confronto com teóricos estudados e a realidade vivenciada no Ensino Fundamental I, onde as aulas aconteceram como de costume, durante a última semana do mês de outubro. As observações foram relatadas em um caderno de bordo, a todo o momento em que se constatarem ações indisciplinadas.

3.2. Análise e discussão dos dados

As principais manifestações de indisciplina que ocorreram durante o período de observação foi a frequente negação de alunos em permanecer calados, durante a aula, fazendo com que a professora os repreendesse, atitude que levou os alunos a desrespeitarem, frequentemente, a professora. No entanto Antunes (2002) nos diz que o desejo de conversar que os alunos possuem deve ser utilizado de forma positiva.

Use a conversa do aluno é o que ele tem de mais valioso em sua vida, como instrumento para um trabalho pedagógico essencial. Converse com seus alunos e deixe os alunos conversarem entre si. Aprenda a ser um administrador de conversas, expositor de desafios, instigador de perguntas (ANTUNES, 2002, p. 14).

Dessa forma, percebe-se que a professora regente não possibilita que os seus alunos conversem entre si, fazendo com eles adquiram atitudes indisciplinadas. Desconhece que os alunos necessitam do diálogo para expressar suas opiniões, devendo ser indagados em vários momentos pelo professor, possibilitando que assim tornem-se cada vez mais críticos.

Outro erro grave cometido desta vez não somente pela professora como também pela coordenação pedagógica, que o período de observação disponibilizou

foi a de reconhecer que tanto o professor quanto a coordenação não realizam um trabalhos que auxilie a mudar a realidade. A professora exausta com um dos seus alunos encaminha o indivíduo para uma breve visita à coordenação pedagógica, ela por sua vez reprende o aluno e o manda de volta para a sala, acredita que dessa forma tem auxiliado o professor no seu processo de ensino aprendizagem. Libâneo (2013), no entanto relata que todo o segmento escolar deve trabalhar de forma conjunta, e cabe ao coordenador pedagógico dar subsídios para que o professor construa uma prática pedagógica que o auxilie a reduzir problemas que dificultam o processo de ensino-aprendizagem, como é o caso da indisciplina.

A terceira visita, realizada pelo aluno à coordenação pedagógica por comportamentos indisciplinados, fez com que a coordenação optasse por acionar a direção da escola, a qual se informou de forma superficial do caso e realizou a transferência do educando, orientando seus pais a buscarem outra instituição de ensino com a qual o aluno possa se identificar melhor. Pode-se perceber com essa atitude que a escola não optou por buscar soluções para o presente problema, acreditou ser mais conveniente transferir o aluno e juntamente com ele, a sua indisciplina.

Uma atitude comum entre os principais educadores, como relata Vasconcellos (1996).

Entendemos que o problema da indisciplina é tarefa de todos: sociedade, família, escola e aluno. Todavia, não podemos ser ingênuos, pois embora a tarefa seja de todos, nem todos estão interessados em resolver o problema (VASCONCELLOS, 1996, p. 241).

Nesta perspectiva fica evidente que todos reconhecem o problema, porém poucos ou quase ninguém se disponibiliza a buscar soluções. O que infelizmente vem prejudicando cada vez mais o processo de ensino-aprendizagem dos alunos, o que é visto com indiferença por parte dos educadores.

Coloca-se em questão a falta de preparo dos profissionais que assumem a direção de uma escola, uma vez que lhes é solicitado à formação em licenciatura, no entanto, a ocupação deste cargo não exige cursos de formação continuada que os capacite para atuar em tal segmento escolar.

Para concretizar a pesquisa, como citado anteriormente foram distribuídas sete (7) questões relacionadas à indisciplina e às suas medidas

preventivas. Os profissionais entrevistados foram: um Coordenador pedagógico responsável pelo ensino fundamental I, um Professor regente do quinto ano do ensino fundamental e um Diretor escolar. As questões distribuídas foram:

- 1- Sabe-se que a questão da indisciplina tem se tornando um assunto muito comentado no meio pedagógico, causando assim indagações sobre como sanar tal inconveniente. Baseando-se nesta perspectiva, em sua opinião quem pode ser considerado o principal agente causador desta situação?
- 2- Em sua opinião existem meios que possam reduzir a indisciplina em sala de aula? Justifique sua resposta.
- 3- Em sua opinião de que forma a direção da escola tem dado subsídio para o professor regente lidar com a indisciplina em sala de aula?
- 4- Em sua opinião de que forma a coordenação pedagógica da escola tem auxiliado o professor regente a trabalhar com a indisciplina em sala de aula?
- 5- Você concorda ou não que o professor pode ser considerado o principal causador da indisciplina em sala de aula? Justifique a sua resposta.
- 6- Enquanto educador você acredita ter o auxílio necessário dos pais no combate a indisciplina?
- 7- Em sua opinião enquanto educador acredita que a prática pedagógica do professor pode auxiliar a reduzir a indisciplina em sala de aula? Justifique sua resposta.

A primeira questão procurou saber na opinião do profissional da educação entrevistado quem pode ser considerado o principal agente causador da indisciplina. (grifo nosso)

A professora regente citou a Família como o único culpado pela indisciplina em sala de aula.

O coordenador pedagógico entrevistado e o diretor escolar apresentaram respostas semelhantes, relatando que a indisciplina escolar possui vários fatores, dentre eles a sociedade como um todo, a questão metodológica e a família do aluno. Assim corrobora Rebelo (2002) vários fatores influenciam entre eles.

- A resistência dos professores diante de propostas novas;
- A prática pedagógica domesticadora desenvolvida nas salas de aula;
- A má formação docente inicial contínua;
- Os pais menos participativos na vida dos filhos. (REBELO, 2002, p.12, grifo do autor).

Nessa perspectiva podem-se apontar vários agentes causadores. No entanto, muitos desses agentes não reconhecem a sua parcela de culpa, colaborando assim para que a indisciplina aumente, ao invés solucionada de ser.

A segunda questão procurou saber se o entrevistado acredita existir meios que possam auxiliar a reduzir a indisciplina na escola, o mesmo deveria justificar a sua resposta. (grifo nosso)

A professora relatou que o educador deve utilizar várias metodologias que possam o auxiliar a realizar uma prática pedagógica diferenciada. Já o coordenador pedagógico apontou que, primeiramente, deve constatar as causas para, posteriormente, buscar soluções.

O diretor, por sua vez, acredita que a participação dos pais na escola pode ser de grande valia, além de a mesma assumir o seu papel como educador a de valores, pois segundo ele, a escola só possui conteúdos e a educação é obrigação dos pais. Para Vasconcellos (1996) é preciso que haja um resgate de sentidos e aponta algumas possibilidades que podem contribuir para a construção de uma nova indisciplina.

- Construir participativamente o projeto político-pedagógico da escola, resgatando o sentido do estudo, do conhecimento.[...]
- Realizar trabalhos de conscientização com as famílias.
- Explicar o sentido das normas existentes.
- Comprometer-se com a construção de uma nova ética social. (VASCONCELLOS, 1996, p. 243, grifo do autor).

Dessa forma, é clara a visão de que são vários os meios que auxiliam na redução da indisciplina escolar. No entanto, é necessário um nível de comprometimento de todos os segmentos escolares. Embora o professor realize um papel muito importante ele necessita constantemente de auxílio.

Partindo do ponto de vista que todos os segmentos da escola devem trabalhar de forma articulada, a terceira questão procurou saber de que forma a direção da escola tem dado subsídios para os professores em sala de aula (grifo nosso).

Os três entrevistados relataram opiniões semelhantes, que a direção tem auxiliado o professor, através do diálogo com os alunos e, em casos de acúmulo de três advertências, opta por transferir o aluno.

No entanto, essa atitude de transferir o aluno vai contra o Estatuto da Criança e do Adolescente (BRASIL, 2000) em seu Art. 53, postula-se que é direito da criança e do Adolescente possuir acesso à escola pública e gratuita próxima de sua residência.

Embora se saiba que a escola na qual se realizou a pesquisa fica em uma região central e possui várias outras instituições próximas, a mesma fere o ECA ao transferir o aluno, sem a sua vontade e a dos seus pais. Ao contrário de optarem pela transferência do aluno a equipe de gestão deveria buscar meios juntamente com o professor regente para solucionar o problema da indisciplina, podendo optar por uma formação continuada, que auxilie o professor a melhorar sua prática pedagógica.

A quarta questão procurou saber como o coordenador pedagógico tem auxiliado o professor regente em sala de aula (grifo nosso).

A professora relatou que os coordenadores auxiliam no diálogo com os alunos indisciplinados.

A direção relatou que os coordenadores pedagógicos juntamente com a direção auxiliam a identificar os problemas graves e tenta, da mesma forma, solucionar conversando com os pais e alunos.

O coordenador pedagógico respondeu que realiza o diálogo constante com os alunos.

Nessa perspectiva baseamo-nos no que relata Libâneo (2013): que o coordenador pedagógico deve trabalhar constantemente ao lado do professor regente, cabe a ele verificar se o planejamento do professor está surtindo efeito no que remete à aprendizagem do aluno e, caso não esteja, deve juntamente com o professor, buscar estratégias novas que possam ser de grande valia para alcançar o que se deseja.

Embora esse seja o verdadeiro papel do coordenador pedagógico, note-se que infelizmente não é assim como ocorre. Muitos desses profissionais deixam a desejar no que diz respeito a buscar novos conhecimentos. Tristemente, isso se reflete na falta de conhecimento para solucionar problemas como da indisciplina escolar.

A quinta questão procurou saber se na opinião do educador entrevistado o professor pode ser considerado o principal agente causador da indisciplina, o mesmo deveria justificar sua resposta (grifo nosso).

Todos os entrevistados concordaram que o professor não pode ser considerado o principal agente causador da indisciplina, no entanto não se pode deixar de destacar a resposta do professor entrevistado, pois o mesmo afirma que o papel do professor se resume em ensinar conteúdos, já o papel de educar é totalmente da família. Porém Freire (1996) afirma que o papel do professor vai muito além de ensinar conteúdos, cabe a ele despertar em seus alunos a capacidade de analisar sobre o certo e o errado, além de formador de conhecimento, ele também assume o papel de formador de opinião.

Do mesmo modo em que a Lei de Diretrizes e Bases da Educação relata em seu Art. 32 que é no ensino fundamental que a criança é preparada para conviver em sociedade, cabe à escola ensinar a compreensão do ambiente natural, do sistema político e valores nos quais se fundamentam a sociedade.

A sexta questão buscou saber se o entrevistado, enquanto educador, tem recebido apoio necessário dos pais no combate à indisciplina (grifo nosso).

Todos os entrevistados concordaram que a família tem se mostrado pouco presente no que se refere à educação escolar de seus filhos, o que dificulta e muito o processo de ensino aprendizagem do aluno, além de desmotivar cada vez mais os professores que se sentem sem apoio da família. Assim afirma Vasconcellos (1996).

Impelidos, por um lado, para o trabalho em função da queda progressista dos salários e, por outro, massacrados pelos meios de comunicação, os pais acabam caindo no círculo vicioso: desejo de consumo + busca de recursos → mais trabalho + menos tempo de

convivência com o filho → culpa → menos limites.
(VASCONCELLOS, 1996, p 234, grifo do autor).

Dessa forma percebemos que devido ao sistema capitalista, a família tem deixado de cumprir a sua obrigação de educadora e tem feito o contrario, não impondo limites aos seus filhos, por receio de que eles se tornem crianças frustradas pela ausência dos pais.

A sétima e ultima questão procurou saber se na opinião do entrevistado, a prática pedagógica do professor pode auxiliar a reduzir a indisciplina em sala de aula (grifo nosso).

O coordenador pedagógico juntamente com o diretor escolar responderam que a prática pedagógica pode, de fato, auxiliar, no entanto não cabe somente focar na prática do professor é preciso sobretudo a participação da família. Já o professor regente acredita que a prática pedagógica não influencia na indisciplina, pois a causa para este inconveniente está no seio familiar.

Porém Antunes (2002) preconiza que existem atitudes que o professor deve assumir que serão de grande valia no combate à indisciplina.

Constituir assim alicerce básico na qual a estrutura disciplinar de uma classe se apoia o respeito que o professor desperta em seus alunos pelo *conhecimento* que tem, pela paixão com que transmite, pela organização de seu plano de aula, pela coerência incontestável de suas perguntas, pela agilidade dos jogos operatórios que aplica, enfim, pelo extraordinário “profissional” que é (ANTUNES, 2002, p.37).

O professor precisa reconhecer o papel fundamental que exerce dentro de uma sala de aula e na vida seus alunos, pois quando isso acontece, o gosto por buscar coisas novas e aderir a elas para a sua prática pedagógica só irá aumentar, tornando suas aulas mais prazerosas e menos estressantes para alunos e professores.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho possibilitou compreender que a indisciplina torna-se prejudicial ao processo de ensino aprendizagem e que, conforme os teóricos citados, os professores precisam reconhecer que a sociedade esta sempre em constante transformação e aderir a essa transformação é algo que irá de fato auxiliá-lo no exercício de sua função, enquanto educador. Ao chegar à sala de aula o professor deve aceitar que ali não existem seres vazios que devem ser preenchidos com inúmeras informações e, sim, existem crianças que possuem conhecimentos já formados. Ao compreender isso, o professor estará aproveitando de forma positiva esse conhecimento, permitindo o diálogo entre professor e aluno e até mesmo entre os próprios colegas de classe, possibilitando aos educandos uma aprendizagem significativa e deixando de ser ele o único dono do saber.

Mesmo que o professor possua um papel importante não cabe simplesmente a ele lutar pela redução da indisciplina, a família embora muito atarefada deve reassumir o seu papel na educação das crianças, pois como foi citado nesta pesquisa é o seu direito e dever.

Os segmentos escolares devem reconhecer a necessidade que o professor apresenta em sua prática pedagógica, para dar assim subsídios para que ele possa buscar melhores formas de lecionar, que o auxiliem na redução da indisciplina. Uma vez que teóricos nos dizem que não existem segmentos mais importantes dentro de uma instituição de ensino e, sim, torna-se o mais importante aquele que assume a responsabilidade em buscar mudanças.

É notório que a educação brasileira esta avançando, mas ainda há muito por ser feito, iniciando-se pelas políticas públicas, às quais cabe o dever de incentivar a valorização dos professores e das Faculdades de Educação que podem se considerar o ponto fundamental para uma educação com que todos sonham. É extrema urgência que jamais se esqueçam de que a educação é o setor mais importante da sociedade, uma vez que para que houvesse médico ou um grande engenheiro civil houve necessidade antes de todos passarem pela mão de um professor.

Esta pesquisa mostrou, pois que a prática pedagógica do professor pode sim mudar a indisciplina na sala de aula em comprometimento e interesse dos alunos, necessitando para isso que os professores se capacitem, estudem a problemática e

organizem-se melhor com planos de ensino diversificados, aulas prazerosas e interessantes para os alunos e mais, que a direção e a coordenação também se capacitem para subsidiarem os professores e os alunos e não apenas para aplicarem sanções a estes e transferências. Para uma mudança é preciso que todos no âmbito escolar tomem para si a responsabilidade do problema, mostrando um real interesse pelo aluno, ser fundamental na existência de uma escola, não esquecendo de que a Educação deve ser sempre transformadora, para melhor.

Espera-se que esta pesquisa possa servir a outros pesquisadores de reflexão acerca do papel social da Educação e no ponto de partida para aprofundamento da temática apresentada, apesar da dificuldade de referências para os estudos.

REFERÊNCIAS

ANTUNES, Celso. **Professor Bonzinho= Aluno difícil**. 4ta ed. Petrópolis: Vozes, 2002.

BRASIL, **Estatuto da Criança e do Adolescente**. Lei n. 8.069 de 13 de Junho de 1990. Brasília, 2000.

BRASIL, **Lei de Diretrizes e Bases da Educação**. Lei n. 9394-96 de 20 de dezembro de 1996. Brasília, 2007.

ESTRILA, Maria Teresa. **Relação pedagógica, disciplina e indisciplina na aula**. 2 ed. Portugal: Porto Editora, 1994.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários a prática educativa** 25 ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GADOTTI, Moacir. **Educação e poder: Introdução a Pedagogia do Conflito**. 5 ed. São Paulo: Cortez, 1984.

GIL, Antonio Carlo. **Como elaborar um projeto de Pesquisa** 4 ed. São Paulo: Atlas, 2002.

LIBÂNEO, José Carlos. **Adeus professor, Adeus professora? Novas exigências educacionais e profissão docente**. São Paulo: Cortez, 2007.

LIBÂNEO, José Carlos. **Organização e Gestão da Escola: Teoria e Prática**. São Paulo: Heccus, 2013.

LUDKE, Menga, ANDRÉ, Marli Eliz Dalmazo Afonso de. **Pesquisa em Educação: Abordagens qualitativas**. São Paulo: E.P.U, 1986

PEREIRA, Jacira Helena do Valle. A especificidade de formação de professores em Mato Grosso do Sul: **Limites e desafios no contexto da fronteira internacional**. Campo Grande, 2009.

REBELO, Rosana Aparecida Argento. **Indisciplina Escolar: causas e sujeitos**. Petrópolis: Vozes, 2002.

SILVA, Claudeir Pereira da; PEREZ, Luis Sergio. **Indisciplina na Escola: Questões legais de interpretação desta problemática**, Paraná, 2008.

SOUZA, Jacqueline Pereira de. **A importância da família no processo de desenvolvimento da aprendizagem da criança**, 2012.

TIBA, Içami, **Disciplina, limite na medida certa**. 1. Ed. São Paulo: Gente, 1996.

VASCONCELLOS, Celso dos S. **Planejamento: plano de ensino-aprendizagem e projeto educativo**. 3 ed. São Paulo: Libertad, 1995.

VASCONCELLOS, Celso dos S. **Os desafios da Indisciplina em sala de aula e na escola**, 1996.

APÊNDICES

Questões para pesquisa

8- Sabe-se que a questão da indisciplina tem se tornando um assunto muito comentado no meio pedagógico, causando assim indagações sobre como sanar tal inconveniente.

Baseando-se nesta perspectiva, em sua opinião quem pode ser considerado o principal agente causador desta situação?

9- Em sua opinião existem meios que possam reduzir a indisciplina em sala de aula? Justifique sua resposta.

10-Em sua opinião de que forma a direção da escola tem dado subsidio para o professor regente lidar com a indisciplina em sala de aula?

11-Em sua opinião de que forma a coordenação pedagógica da escola tem auxiliado o professor regente a trabalhar com a indisciplina em sala de aula?

12-Você concorda ou não que o professor pode ser considerado o principal causador da indisciplina em sala de aula? Justifique a sua resposta.

13-Enquanto educador você acredita ter o auxílio necessário dos pais no combate a indisciplina?

14-A prática pedagógica do professor pode auxiliar a reduzir a indisciplina em sala de aula?

ANEXOS

TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA USO DA ENTREVISTA

Depois de receber esclarecimentos sobre a pesquisa intitulada “**Indisciplina Escolar**”, cujo objetivo é Esclarecer se a prática pedagógica auxilia na redução da Indisciplina Escolar . Trata-se de uma pesquisa a ser realizada junto ao Curso de Pedagogia, nível de Graduação, das Faculdades Magsul (FAMAG), sob orientação do professor(a) Ma. Roseli Sanches Soares Áurea **AUTORIZO**, por meio deste termo, a realização de minha entrevista sem custos financeiros a nenhuma parte.

Esta **AUTORIZAÇÃO** foi concebida mediante o compromisso de garantia dos seguintes direitos: 1. Poderei ler a transcrição de minha entrevista; 2. Os dados coletados serão usados exclusivamente para gerar informações para a pesquisa aqui descrita e outras publicações dela decorrentes, quais sejam: revistas científicas, congressos e jornais; 3. Minha identificação não será revelada em nenhuma das vias de publicação das informações geradas; 4. Qualquer outra forma de utilização dessas informações somente poderá ser feita mediante minha autorização; 5. Serei livre para interromper minha participação na pesquisa a qualquer momento e/ou solicitar a posse da descrição de minha entrevista.

Ponta Porã/MS, 23 de Outubro de 2015

Assinatura do participante da pesquisa

Assinatura do pesquisador responsável